Lição 5: O movimento natural nos corpos naturais. Leucipo e Demócrito

575. Após refutar a posição daqueles que postulam que todos os corpos são gerados a partir de superfícies, o Filósofo aqui começa a investigar se os corpos naturais possuem movimentos naturais. Sobre isso ele faz duas coisas: Primeiro mostra que os corpos naturais possuem movimentos naturais;

Em segundo lugar, como os movimentos compulsórios dos corpos ocorrem de maneiras diferentes daquelas dos movimentos naturais, em 590 (L. 7). Quanto ao primeiro, ele faz duas coisas: Primeiro mostra que os corpos naturais possuem movimentos naturais;

Em segundo lugar, que eles possuem peso e leveza pelos quais são inclinados aos seus movimentos naturais (L. 7). Em relação ao primeiro, ele faz duas coisas: Primeiro prova que os corpos naturais possuem movimentos naturais;

Em segundo lugar, refuta as opiniões de certos filósofos, em erro sobre este assunto, em 578. No que diz respeito ao primeiro, ele faz duas coisas: Primeiro propõe o que pretende [428] e diz que, porque foi dito acima que as operações e paixões dos corpos são suas gerações e movimentos, e já investigamos sobre a geração dos corpos, resta discutir seus movimentos. E ele diz que é manifesto pelo que será dito que deve haver algum movimento natural em todos os corpos simples, enquanto os corpos mistos seguem o movimento do corpo simples que é predominante neles. Portanto, algum movimento natural está em todo corpo natural. 576. Em segundo lugar, em [429] ele prova sua proposição com dois argumentos, o primeiro dos quais é baseado no movimento. Pois vemos pelos sentidos que os corpos simples são movidos; se, portanto, eles não têm um movimento próprio natural a eles, então devem estar sendo movidos por violência. Mas ser movido por violência é o mesmo que ser movido contra a natureza - pois o que é segundo a natureza não é violento, porque o violento é aquilo em que o que sofre a força nada contribui, como é dito na Ética III. Ora, do fato de que existem movimentos contra a natureza, segue-se que existe movimento segundo a natureza em relação ao qual um movimento violento é chamado "contra a natureza" [praeter naturam]; pois a doença não seria uma disposição contra a natureza, a menos que a saúde fosse uma disposição segundo a natureza, porque toda privação pressupõe algo positivo. E embora do fato de que há um movimento contra a natureza siga-se que há um movimento segundo a natureza, ainda assim, enquanto há muitos movimentos contra a natureza, o movimento segundo a natureza é um, i.e., para um corpo, porque a natureza de uma coisa é determinada a um, do qual muitos desvios são possíveis, assim como a saúde é uma, mas as

doenças são muitas. A razão para isso é que cada coisa é "absolutamente" segundo sua natureza, i.e., de uma maneira, porque a natureza de uma coisa é una; mas cada coisa tem não apenas muitos movimentos, mas também muitas disposições, contra a natureza. Mas contra isso parece estar a afirmação feita no início deste livro, a saber, que a um movimento segundo a natureza é contrário a ele um movimento contra a natureza, e que uma coisa é contrária a uma. A isto pode-se dizer que o Filósofo está falando ali de movimentos simples: pois um corpo não pode ser movido contra a natureza com vários movimentos simples, embora possa ser movido contra sua natureza por vários movimentos compostos. Ou pode-se dizer que, embora uma coisa seja contrária a uma, ainda assim o contrário que é como privação pode ocorrer de muitas maneiras, assim como a saúde é algo absoluto, mas a doença pode ocorrer de muitas maneiras. Similarmente, o movimento segundo a natureza ocorre de uma maneira, mas contra a natureza de muitas maneiras. 577. O segundo argumento é apresentado em [430] e é baseado no repouso. Pressupõe duas coisas. Primeiramente, que tudo o que está em repouso deve estar em repouso seja por violência, seja segundo a natureza. Em segundo lugar, uma coisa repousa por violência num lugar para onde é movida por violência; mas onde quer que seja movida segundo a natureza, repousa segundo a natureza. A partir dessas suposições, ele argumenta assim: É evidente aos nossos sentidos que algum corpo, por exemplo, a terra ou uma pedra, está em repouso no meio. Portanto, segundo o que foi premissado, está em repouso seja por violência, seja segundo a natureza. Se segundo a natureza, então, de acordo com as suposições, segue-se que o movimento de tal corpo para este lugar é natural. Mas se está em repouso por violência, então algo deve estar presente exercendo violência sobre ele e impedindo-o de ser movido. Mas o que assim o impede de ser movido está ele próprio ou em movimento ou em repouso. Se está em repouso, como um pilar em repouso impede uma pedra sobre ele de ser movida, a mesma questão retorna sobre este impedimento: Está em repouso naturalmente ou violentamente? Se naturalmente, concluir-se-á que também é movido naturalmente; mas se violentamente, por sua vez precisará de algo que o impeça. Consequentemente, é necessário ou chegar a algo primeiro em repouso segundo a natureza, que consequentemente será movido segundo a natureza, ou prosseguir ao infinito nos corpos - o que é impossível, como foi mostrado no Livro I. Mas se for dito que uma coisa em repouso por violência no meio é impedida de ser movida por algo em movimento (como Empédocles disse que a terra está em repouso, sendo impedida por violência de se mover pela rotação do céu), então, se esse obstáculo fosse removido, a consequência seria que o corpo previamente impedido seria levado a algum lugar definido - sendo impossível que seja levado ao infinito, uma vez que é impossível percorrer o infinito, e nada pode estar em processo de vir a ser que não possa vir a ser. Se então está sendo movido para algum lugar definido, então, quando ali tiver chegado, parará ou repousará ali não violentamente, mas naturalmente. E assim, de acordo com as premissas, se repousa naturalmente neste lugar, segue-se que é movido naturalmente para este lugar. Consequentemente, existirá algum movimento natural. 578. Então em [431] ele refuta as opiniões de certos filósofos sobre este assunto. Primeiro a opinião de Demócrito;

Em segundo lugar, a opinião de Platão (L. 6). Em relação ao primeiro, ele faz duas coisas. Primeiro, a partir das premissas ele conclui a inadequação dos ditos de Demócrito. Pois ele postulou que os corpos indivisíveis que disse serem princípios estão sempre sendo movidos num espaço infinito e vazio. Mas foi mostrado que os corpos simples têm algum movimento natural. Portanto, eles deveriam decidir por que tipo de movimento tais corpos estão sendo movidos e qual é o seu movimento natural. No entanto, como não determinaram isso, sua doutrina é incompleta. 579. Em segundo lugar, em [432] ele apresenta uma certa escusa, porque eles disseram que um daqueles corpos indivisíveis que postularam como elementos é movido violentamente por outro. Mas ele

rejeita isso por duas razões. Primeiro, porque se o movimento violento é postulado, então o movimento natural deve ser postulado, em relação ao qual o movimento violento é, como foi dito acima. Segundo, porque pelo menos o primeiro motor não deve causar movimento por violência, mas segundo a natureza. Pois o que quer que cause movimento por violência tem o princípio de seu movimento externamente, e assim não move exceto como movido. Se então um primeiro que causa movimento por natureza não é postulado, mas sempre um que age por violência sendo previamente movido por outra coisa, haverá um processo infinito nos motores - o que é impossível, como foi provado na Física VIII. Portanto, eles não são escusados da necessidade de postular o movimento natural.

Revision #2
Created 29 September 2026 23:42:17 by Admin
Updated 2 October 2026 00:13:41 by Admin